



FORMAÇÃO NÃO INSTITUCIONAL

Quais as fontes não institucionais de formação do professor da rede municipal de ensino?

LORENA BUENO (lorena.bueno@wlasan.edu.br)
MAYARA MARTINS (mayara.martins@wlasan.edu.br)
SOLANGE DOS SANTOS (solange.santos@wlasan.edu.br)
TALITA FERREIRA (talita.ferreira@wlasan.edu.br)

RESUMO

A formação não institucional do docente é um processo de busca e renovação de saberes. Apresentamos neste trabalho o resultado de uma entrevista individual na qual a metodologia pautou-se na abordagem de cunho qualitativo. Os sujeitos principais foram docentes de uma escola da rede municipal de ensino que, por meio de suas falas, trouxeram evidências dos caminhos percorridos para a construção dos saberes. Suas histórias de vida pessoal, suas culturas, suas crenças e valores, são componentes que nos mostram a formação da sua identidade profissional constituída além da formação institucional. A entrevista mostra que a formação não institucional alarga as fronteiras do pensamento. Contribui para a construção de um pensamento flexível, que concebe a arte como uma experiência de vida. Nos ajuda a conhecer a nós mesmos, pois à medida que conhecemos mais sobre o mundo, conhecemos o nosso interior. Passamos a ter clareza e consciência do que nos afeta.

Palavras-chave: Cultura, Educação, Formação de Professores, Formação não Institucional, Valores.

ABSTRACT

The non-institutional training of the teacher is a process of searching and knowledge renewal. We present in this work the result of an individual interview in which the methodology was based on the qualitative approach. The main subjects were teachers from a municipal network school that, through their speeches, brought evidence from their paths taken for the construction of knowledge. Their personal life histories, their cultures, their beliefs and values, are components that show us the formation of their professional identity built beyond the institutional training. The interview shows that the non-institutional training extends the boundaries of thought. Contributes for the construction of a flexible thinking, that conceives art as one experience in life. It helps us to know ourselves, because as we know more about the world, we know our interior. We now have clarity and awareness of what affects us.

Key-words: Culture, Education, Teacher Training, Non-Institutional Training, Values.



OBJETO DE ESTUDO

O significado de professor é compromisso. Não podemos minimizar o sentido de professor em uma profissão que ensina. Ser professor é um estilo de vida, é viver para com o outro. Defender que ser professor deveria ser o sinônimo de ser empático. Pensamos que a empatia é o valor que deve ser mais praticado pela pessoa que está à frente do compromisso de facilitar o entrelaçamento de vozes.

Só faz sentido ser professor se for para caminhar de mãos dadas com o aprendiz, nem a frente e nem atrás. A aprendizagem acontece entre pares, seja qual for a parceria... adulto-adulto, criança-criança ou adulto-criança. Para essa troca o professor precisa estar conectado com o mundo atual à sua volta, trazer a formação não institucional como algo próximo de sua vida, assim, que a sua rotina seja rodeada de formação cultural, que transborde conhecimento.

OBJETIVO

“Ensinao aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que importa, por isso, que os professores se preparem para um trabalho sobre si próprios. Para um trabalho de autorreflexão e de autoanálise.”

António Nóvoa

A proposta de uma formação precisa contemplar o desenvolvimento de competências, habilidades, conhecimentos e atitudes que melhorem, aperfeiçoem nossas ações com vistas à uma educação transformadora, que atenda as demandas do século XXI.

Um aspecto que diz respeito ao conhecimento que intervém na fala, na percepção das coisas: Uma formação não institucional reflete diretamente na prática em sala de aula, pois deixa o profissional mais experiente na maneira de conhecer e aprender sobre as coisas e esse procedimento é levado aos alunos nas ações cotidianas.

JUSTIFICATIVA



“Não existem verdades absolutas nem permanentes, mas sim a possibilidade de interpretar a realidade por meio do conhecimento disponível em dado momento” (CARVALHO, et al., 2006, p. 76).

A formação não institucional do docente é um processo constante de busca e renovação de saberes. De fato, ainda trata-se de um campo não pesquisado, relativamente inexplorado pelas ciências da educação.

São saberes disciplinares, profissionais e cotidianos, que influenciam o conhecimento empírico do professor junto ao ato de preparação da aula. A inquietação de criar novos métodos de aplicação das tarefas impostas pelo currículo, ampliar o conhecimento teórico, adquirir uma visão integrada da realidade, levam à busca de vivências diárias diversificadas.

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal. “Por isso é tão importante investir na pessoa e dar estatuto ao saber da experiência” (NÓVOA, 1995, p. 25).

A formação de um bom professor não depende só de sua graduação, mas também do meio social e cultural em que está inserido, da sua própria formação adquirida como pessoa, como ser humano. É necessário reconhecer e valorizar esses saberes de experiências, que o professor carrega por meio de seu conhecimento cultural.

É primordial que o educador esteja sempre em busca de uma formação contínua, bem como a evolução de suas competências tende a ampliar o seu campo de trabalho.

A palavra Cultura deriva do latim *colere*, que significa “cultivar”. A cultura é um elemento ativo na vida do ser humano, sabemos que não existe pessoa no mundo que não possua uma cultura, pois cada um de nós viemos de uma família, de um lugar diferente, cada um com sua herança que se acumula ao longo dos anos. Assim, fazemos parte de uma nação que agrega valores culturais. Dessa forma, devemos preservá-las e propagá-las, para que a cultura em nosso meio nunca se perca.

A formação pessoal do professor tem a ver com toda experiência que ele carrega para a sala de aula. Na medida que o professor vai conhecendo mais sobre o mundo, sobre a cultura, quando ele se interessa em saber mais sobre uma obra de arte ou sobre músicas, quando visita museus e conhece os fatos históricos inseridos dentro daquele espaço, quando sua leitura é ampla ou até mesmo seu modo de pensar e agir, isso tudo vai fazendo com que o professor aprecie as coisas de uma forma diferente. Essa busca por formação pessoal, formação de ideia de mundo, faz com que



o vocabulário do professor seja enriquecido em sala de aula, pois dessa forma ele terá uma percepção mais aguçada sobre as coisas e um olhar diferenciado, fazendo com que sua intervenção seja ajustada ao processo de desenvolvimento do aluno. “Chamo sentidos as respostas às perguntas. Aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido para nós” (BAKHTIN, 2003, p. 381).

A proposta deste trabalho foi uma entrevista a quatro professoras da rede municipal de ensino, onde resgatamos a identidade cultural de cada uma. A comunicação nesse momento foi primordial, assim como ela se faz no processo de ensino aprendizagem.

LDB X VALORIZAÇÃO EXTRAESCOLAR

A Educação Básica no Brasil vem sofrendo constantes mudanças. Desde a Constituição de 1988, um fato importante é a colocação da família como uma aliada no processo educacional, salientando a importância de um apoio às instituições de ensino. Com essa relação conquistaremos um pleno desenvolvimento pessoal.

Com o objetivo de assegurar uma formação comum necessária ao exercício da cidadania, além de proporcionar os meios para que os educandos alcancem um ensino significativo e, posteriormente, uma qualificação para o mercado de trabalho. Mas, nem sempre foi oferecido um ensino de qualidade, produtivo e construtivo.

Diante dessas necessidades, de buscar novas formas de trabalho, mais dinâmicas e adaptadas às realidades dos alunos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 instituiu a experiência extraescolar como um dos princípios fundamentais dessa formação, um conceito que se refere a todas as atividades sociais vividas fora da escola. Onde com base em suas vivências, e interagindo com o meio, obterá um ensino significativo.

Posteriormente, os alunos trarão para sala de aula, muitos questionamentos e dúvidas para serem concretizadas. E, nesse momento, é essencial a valorização ao que foi trazido, o interesse do educador com as descobertas, sua conduta para que os demais possam também interagir é algo fundamental para que o desejo pela descoberta continue aflorado durante esse processo. Não se esquecendo da importância da atenção e acompanhamento individualizado para cada aluno.

O educador terá desafios para compreender e inserir essa experiência extraescolar ao ensino formal, mas não se pode desistir. A transformação do espaço é primordial para um ensino significativo. Um espaço escolar mais criativo, moderno e envolvente, é palco para grandes aprendizagens. Engajados com a causa devem



acompanhar a caminhada do aluno no processo de aprendizagem e na construção das competências necessárias para o exercício pleno da cidadania.

A experiência extraescolar também exerce uma função fundamental na preparação dos jovens para a vida social, já que esta nova prática enriquece o repertório e a capacidade de se adaptar a novas situações e ambientes. Quanto mais experiências acontecerem na vida dos alunos, mais referências serão armazenadas e mais a parte cognitiva será estimulada a fazer novas conexões, criando novas ideias, conceitos e decodificações. “Não se muda um sistema educativo modificando somente as suas estruturas. Mas, sem modificação de estruturas não será possível atingir as finalidades e os objetivos (LEGRAND, 1982, p. 92).

EDUCAÇÃO, CULTURA E VALORES

Iniciaremos o capítulo falando sobre o processo de formação de professores e a relação com Educação, Cultura e Valores. Nos dias de hoje, é muito esperado que a Educação transmita saberes evolutivos, pois só assim avançaremos. Entretanto, esse processo – extremamente necessário – não é fácil de ser concretizado.

Há muitas divergências sobre métodos de ensino na atual educação. Existem as interferências pessoais (cultura e valores) e sociais que implicitamente interferem em nossas ações. Esse termo “cultura” merece ser revisitado. Afinal, o que é Cultura? De que cultura estamos falando?

Com base nos estudos de Raymond Willians, entendemos que Cultura é “todo um modo de vida” (1969, p. 290). É um processo integral que poderemos analisar com uma vasta consciência histórica, é algo vivo e problemático, que se dá em um tempo e espaço. Mas não para por aí, há muito mais envolvido, o autor também nos traz a questão abordada por Karl Marx, o Materialismo Cultural.

Trata-se de um processo movido pela realidade material/econômica dos indivíduos, algo além dos valores morais, que acaba por moldar os cidadãos. Já Raymond Willians, afirma que o econômico não é o único determinante, mas sim um fio condutor que tece uma cultura (1969, pp. 279-280).

Em suma, compreende-se cultura como um processo a ser investigado e acompanhado, processo que irá demandar muita reflexão, uma busca constante nas assimilações dos modos de vida e dos sentimentos envolvidos.

Quanto à Formação de Professores, necessita-se de uma discussão para entendermos a intenção – crítica e reflexiva – dessa formação, nos preocupamos sempre com as concepções epistemológicas desse processo. Estudos diferenciados que



irão se destacar na formação para docência ou até mesmo para uma formação não institucional, no qual, novamente, os valores estarão presentes em ambos os métodos (mesmo que de forma implícita). Ainda assim, não nos esqueçamos que, para trabalhar com a “educabilidade” dos sujeitos, a relação pedagógico-educacional deverá ir além da docência.

Atualmente, lidamos com um ambiente escolar que, muitas vezes, deixa de ser um espaço para produzir conhecimento, a educação está em crise há muito tempo e se perpassa pela não resolução dos problemas. As instituições estão mais frágeis, não há mais ética na política; nas relações em convívio não se distingue quais são as principais necessidades existentes, para que formulemos um projeto em sociedade.

Ainda estamos convivendo com essa instabilidade na educação, mas agora com a intensificação dos meios tecnológicos e o predomínio da mídia, que atualmente, é um dos maiores formadores de opinião, causando rupturas de valores. E, conseqüentemente, se tornam os maiores responsáveis pela “Formação Cultural” das crianças e dos jovens.

Esses meios de comunicação “invadiram” um território que antes era um domínio escolar, o que antes se aprendia na instituição, agora se tem no computador/internet, porém, com uma veracidade, por vezes, duvidosa. As pessoas se tornaram menos relacionais, evidencia-se agora a relação “eu e a máquina”, uma via de mão única, onde afetividade e valores importam muito pouco.

Como enfrentaremos essa “crise” tecnológica? Como fica a atuação do professor? Em que medida sua formação cultural poderá auxiliá-lo?

Somente com muita ética e reflexão, revendo os objetivos e fornecendo as condições necessárias para formar em alunos ativos os que estão em situação passiva. O professor precisará criar novas metodologias, não há mais espaço para reprodução, somente com muita autonomia e vontade os alunos irão se colocar ativamente na sociedade. Utilizando dos Valores (referências para nossas reflexões) iremos transformar “o que é naquilo que deve ser” (SAVIANO, 1980, p. 41).

É preciso preparar crianças, jovens e adultos para um mundo cada vez mais móvel e flexível, em que a instantaneidade pode trazer informações tão rápidas quanto incertas. Diante do paradigma de que não basta ter acesso, é preciso filtrar, selecionar e expandir conhecimentos, a BNCC traz dez competências gerais para que a nova geração possa viver num mundo mais equânime, mais justo e solidário (Nova Escola, 2018).



CULTURAL

A experiência cultural motiva a perguntar, provoca a reflexão crítica de valores e contribui para a formação não só do profissional de educação, mas do sujeito. É preciso pensar sobre o professor e sobre as diferentes estratégias de formação que o transformam em audiência passiva e o impedem de deixar marcas, de ser autor.

A possibilidade de relatar e partilhar as experiências retorna como momento de reflexão não apenas da própria prática, mas apresentava-se também como construção coletiva do trabalho.

Conforme destaca Perrenoud (1993), o professor é uma pessoa! Mas é preciso que ele o saiba e que o assuma no exercício da sua profissão. Quando trabalhamos com as nossas emoções, a nossa cultura, os nossos gostos e desgostos, os nossos preconceitos são necessários sabê-los e é preciso controlar as influências que exercemos sobre os alunos.

“Fomos visitados por um professor de História e por uma professora de Artes Cênicas, ambos do Instituto Benjamin Constant. Monitorei a visita e confesso que foi muito difícil, a princípio, mostrar uma exposição de fotos a um cego. No começo pensei em fazer uma história narrativa sobre os módulos da Exposição, e aprendi com o professor que esse tipo de história podia ser obtido através dos livros; deveria priorizar a parte arquitetônica, que poderia ser tocada, descobrindo o espaço através do relevo, colunas, esculturas, a textura dos materiais, como o mármore, madeira, o bronze, peças encaixadas nas paredes. Foi uma situação totalmente nova e pude perceber uma nova maneira de ver aquele espaço que antes me era tão familiar, *vi o quanto estava limitada a métodos e focando meu trabalho em uma única direção*, ou seja, o uso predominante da visão, em se tratando de uma exposição de fotos e a observação da arquitetura, não o toque. Aprendi como deveria descrever uma charge, segundo o professor, é um humor do tipo do Programa ‘Casseta & Planeta’, que é acessível por meio da audição. Pude aprender a postura e a impostação da fala que deveria ter diante de um deficiente visual, sempre falando de frente. Foi um desafio, e por isso achei uma experiência muito proveitosa, não pela “limitação” do professor Vítor, mas pela superação da minha própria limitação em lidar com o desconhecido, o diferente, além do meu próprio enriquecimento a respeito das diversas visões sobre a Exposição. A principal beneficiada pela visita do professor fui eu. Aprendi muito mais do que ensinei” (Érica Barros, 23 anos).

Contudo, esse depoimento também ressalta a necessidade de uma formação continuada para os profissionais de educação, pois a *formação não está nunca pronta*



e *acabada*. Ou seja, é preciso reforçar a necessidade constante de aprofundamento teórico, assim como a importância da participação e da parceria com profissionais de diferentes áreas.

Bakhtin (1995) adverte que o nascimento físico não é suficiente para o ingresso na história. O homem precisa de um segundo nascimento: o nascimento social. E é por essa localização social e histórica que se define o conteúdo da ligação do homem à vida e à cultura.

É preciso apontar para a necessidade de uma orientação cultural nos currículos de formação dos docentes, bem como a urgência de políticas públicas de formação nessa perspectiva, pois, reformas curriculares estão sempre atreladas a medidas que buscam modificar os diferentes processos na formação de professores.

PROFISSÃO DOCENTE: OPÇÃO CONSCIENTE OU “CAUSALIDADE DO PROVÁVEL”?

Existem muitos motivos para analisarmos as condições que colaboram para a opção da formação docente. Muitas das vezes é questionado como o professor tomou a decisão pela carreira docente e quais os fatores que o influenciaram para esta decisão.

Para Enguita (1991) as características definidoras da opção decorrem da competência, vocação, licença, independência e autorregulação.

A opção se concretiza quando a ação docente acontece. Na complexidade de ensinar, na sala de aula atribuindo as práticas e ações pedagógicas e, assim, origina-se um professor. De acordo com Marcelo (2009), a profissão docente é uma “profissão do conhecimento”, sendo que são o conhecimento e o saber que legitimam tal profissão. O trabalho docente é baseado no “compromisso em transformar esse conhecimento em aprendizagens relevantes para os alunos” (p. 8). Nessa perspectiva, o professor é um profissional que trabalha com o conhecimento, e, para tanto, necessita ter compromisso com a aprendizagem do discente.

Outro fator é analisar o perfil sócio-econômico-cultural das famílias para que se possa compreender a opção pela profissão. Se foi algo consciente, ou apenas um único curso disponível em sua região, ou até mesmo algo que coincidia com as condições financeiras.

Para Bourdieu (1998d, p. 47) “as famílias têm aspirações estritamente relacionadas às suas condições objetivas de existência”. É importante observar também que para Pierre Bourdieu essas escolhas se dão de forma prática (não



plenamente consciente), pois as experiências de êxito ou fracasso escolar são incorporadas histórica e socialmente pelos grupos das diferentes camadas sociais.

Anteriormente a profissão de professor representava um grande status social, atualmente o conceito internalizado na sociedade é muito triste, perpassa a ideia de que a profissão docente seja uma última opção daqueles que não conseguiram ingressar nos demais cursos superiores.

Entretanto, essa questão de opção nos faz refletir!

ENTREVISTAS

“Tanta saudade preservada num velho baú de prata dentro de mim.”

(...) Penso no velho baú de prata, penso no matulão, penso num projeto de viagem com mala e cuia, penso nas arcas de alianças e chego aos relicários, aos realejos de reinvenção do real, e também na arte contemporânea, no futebol, na tecnologia. Por este sertão de memórias e suas veredas, chego aos grandes museus das capitais e também aos pequenos museus do interior, e mais ainda aos museus portáteis, tão caros aos homens e mulheres do povo, aos artistas, aos museólogos, aos educadores, aos antropólogos, aos cientistas do microcosmo social, e a todos os que se dedicam ao pensamento e a expressão. Há, como se sabe, museus de diversos tipos, todos igualmente significativos. O importante é que estejam vivos, que pulsem, consagrando o jogo de tradição e invenção que dialeticamente marca a construção da cultura brasileira (Gilberto Gil, 2007).

Em uma entrevista Gilberto Gil fala sobre a importância dos baús abertos da nossa memória afetiva, e quando pedimos para que as professoras nos contassem sobre uma memória da infância que fosse relacionada à cultura, percebemos a importância desse resgate de memória. Ele nos mostra quem somos, onde estamos e nos traz motivação e inspiração para alcançarmos quem queremos ser no futuro.

A professora A se recordou de momentos felizes, engraçados e importantíssimos da infância, como por exemplo, quando ela aprendeu a escrever seu nome no mesmo dia em que sua avó também aprendeu a escrever o próprio nome. Emilia Ferreiro fala que a escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade (FERREIRO, 2010).

“Tive uma infância simples, meus pais são filhos de agricultores, mas essa simplicidade ajudou trazendo pra minha infância com brincadeiras muito gostosas, meus avós moravam no sítio, eu fui muito pra esse lado de agricultor mesmo. Uma coisa que eu adorava brincar com a minha irmã na roça quando ela estava molhada. Uma outra coisa legal também é que eu gostava de tomar banho de rio, meus avós não



tinham chuveiro então nós íamos e nos divertimos muito. Eu lembro de brincar de casinha, meu sonho era aprender a ler, brincar de escolinha. Como era uma família simples eu ia muito a igreja, fingia que estava lendo na igreja. Eu tenho uma lembrança de infância que me marcou muito que é de uma criança que aprendeu a ler, aos sete anos e quando eu aprendi a ler, foi o ano da implantação do membrau e a minha avó agricultora aprendeu a escrever o nome dela, e eu me lembro da gente no sítio com uma luz de querosene, brincando de escolinha e eu aprendi a escrever meu nome, no mesmo mês da minha avó Berlarmina. É algo que eu levo pra sempre, a importância da leitura para uma criança. Porque éramos uma família muito simples e o orgulho dela foi me ver lendo na igreja, logo ela faleceu... brincar no sítio era algo muito legal, eu pegava muito carrapato, é ... que todo mundo tinha medo, eu me enchia deles. Minha mãe ficava muito brava, mas era brincadeira de verdade, correr, pular e depois veio a TV, me lembro de alguns programas, mas eu gostava mais de ler". (Professora A)

A professora B se recordou de ter ido ao concerto *in rock*, no teatro Teotônio Vilela.

"Me lembro de ter ido ao concerto in rock no teatro Teotônio Vilela, pois era um estilo musical que me agradava." (Professora B)

Certa vez perguntaram a Stanislavski como deveria ser um teatro para crianças, ao que o famoso encenador russo respondeu: Igual, só que melhor do que o teatro adulto!

E como deveria ser o teatro para o jovem? Há espetáculos que se dirigem especificamente ao público jovem, tratando de problemas que lhe dizem respeito diretamente. Mas há muitos outros espetáculos a que este público também pode assistir. Bons espetáculos de teatro são universais, atingindo tanto o adulto como a criança e o jovem.

A utilização do recurso paradidático do teatro pode ser inserida como mídia educativa para complementação do ensino na educação formal e não formal, com a finalidade de apreciação estética e cognitiva, considerando um meio eficaz de comunicação, de expressão, criatividade, arte e sentimentos. Quando aplicado desde a infância se estenderá até a sua fase adulta, pois tem o poder de transformar o indivíduo socialmente, no seu modo de agir e pensar como também para a ampliação do universo artístico e cultural.

A professora C nos lembra da importância das brincadeiras, o quanto isso é colaborativo para o desenvolvimento da criança. Kishimoto fala que ao permitir a ação intencional (afetividade), a construção de representações mentais (cognição), a manipulação de objetivos e o desempenho de ações sensório motoras (físico) e as trocas nas interações (o social), o jogo contempla várias formas de representação da



criança ou suas múltiplas inteligências, contribuindo para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil (KISHIMOTO, 1999).

A professora C também nos conta o quanto ela gostava de desenhar e pintar quando criança e que hoje ela presencia algumas crianças que não gostam ou não têm esse costume. Edith Derdyk, em seu livro *O desenho da figura humana*, fala que “a criança rabisca pelo prazer, prazer de rabiscar, de se aproximar. O grafismo daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico. Quando o lápis escorrega pelo papel, as linhas surgem. Quando a mão para, as linhas não acontecem. A permanência da linha no papel se investe de magia e esta estimula sensorialmente a vontade de prolongar este prazer” (DERDYK, 2004, p. 56).

“A infância é uma parte do desenvolvimento da pessoa que é muito importante, onde temos uma boa parte de aprendizado de coisas diversas, tanto de questões culturais como aprendizagem afetiva, relacionamentos sociais. Então todas essas experiências que passamos quando criança é importante para a constituição da fase adulta. Então, quanto mais coisas positivas nós tivermos na infância, a contribuição para um adulto melhor é mais válida. O que eu trago da minha infância para a minha sala de aula, são os momentos das brincadeiras, o quanto isso acaba sendo prazeroso no momento de aprendizagem também, nós aprendemos muito através das brincadeiras, procuro trazer para as crianças, alguns momentos desses jogos, das brincadeiras simbólicas, jogos de tabuleiro, a música, trazer esse repertório, o brincar, o desenhar, hoje em dia eu percebo... que tem crianças que não gostam de pintar, desenhar e do quanto eu gostava de fazer isso quando era criança.” (Professora C)

A professora D se recorda do cinema que tinha em sua cidade, nos contou o nome do primeiro filme que assistiu naquele ambiente. Segundo Alain Bergala, a escola deve ser um lugar de encontro do cinema como arte, pois entende o filme como “traços de um gesto de criação” (2002, p. 22). É possível trabalhar o cinema em diversas disciplinas, podendo assim, envolver o aluno em sua prática utilizando de seus conhecimentos sobre o assunto fazendo com que esse aluno não só adquira conhecimento, mas que também use sua criatividade.

“Tinha um cinema em Alumínio onde eu morava, hoje ainda existe o prédio com a sala, mas o cinema infelizmente foi desativado. Me lembro do primeiro filme que assisti, se chamava Dio como te amo, eu frequentava bastante aquele cinema.” (Professora D)

Ao que remete a memória da infância pode se dizer que foi contagiante ouvir todas as lembranças boas que cada professora entrevistada carrega em sua vida, também percebemos quão valioso é ter esse leque de vivências ao que entendemos ser, a identidade cultural de cada uma, identidade essa que devemos preservar para que não se perca a singularidade cultural de um povo.



O docente, ao longo de sua história de vida pessoal, interioriza conhecimentos, competências, crenças e valores que estruturam a sua personalidade e as suas relações com os outros, podendo ser reatualizado e reutilizado. De fato, é nesse tempo que o “eu pessoa” no papel de professor vai desenrolando sua vida profissional e tornando-se um “eu profissional” (TARDIF e RAYMOND).

Quando perguntamos às professoras entrevistadas o que elas entendiam por formação não institucional, elas responderam:

“Formação não institucional é aquilo que acontece fora das instituições escolares, no caso do professor, é aquilo que nós fazemos que está além da nossa profissão, por exemplo: As visitas culturais ou então o que fazemos informalmente, fazem parte da nossa formação, mas assistir a uma palestra, participar de encontros culturais também fazem parte dessa formação. Eu participei recentemente de um encontro com uma tribo da Kariri-Xokó e foi muito bacana, porque foi algo não institucional, que me deu subsídio inclusive para trabalhar na sala de aula, com a questão dos indígenas e entender melhor. Não estava na minha previsão de fazer um curso sobre isso, foi muito rico. No entanto, participei desse encontro e o que recebi naquele momento, logo na semana seguinte, já trouxe para as crianças. É interessante ter o contato com os indígenas, ouvir, conhecer, foi um encontro informal, mas foi muito bacana.” (Professora A)

“É uma formação fora do ambiente de trabalho, estou cursando psicopedagogia clínica.” (Professora B)

“Formação não institucional é a formação que você faz em uma instituição que não é reconhecida. Fez o último curso há 2 anos (porém não citou o curso), disse que acha importante fazer cursos pois é um ‘currículo a mais’.” (Professora C)

“Formação não institucional é aquela que se busca fora do ambiente escolar.” (Professora D)

A partir das respostas dadas pelas entrevistadas podemos ver a subjetividade de cada uma, sendo que somente a professora A conceitua com maestria e com riqueza de detalhes, enquanto a professora C relata que através desta busca pelo saber terá um benefício salarial.

O conhecimento nos torna humanos no processo de aculturação de ideias. É a partir dele que buscamos ser melhores, isso parte das nossas atitudes que são reflexos da nossa cultura. Compreende-se que as palavras atingem a nossa consciência originando um grande artefato, o conhecimento aproxima ideias e dá vida a chama da essência de cada indivíduo.

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como



o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 1980, p. 42).

O professor precisa conhecer seus alunos, a escola precisa saber quem são, e aplicar práticas para reflexão do meio social e cultural em que vive, e são nas rodas de conversa que obtemos esse conhecimento, é por meio do diálogo que podemos chegar a conscientização do aluno.

Quando perguntamos às entrevistadas, como você lida com a diversidade cultural em sala de aula, respeitando a singularidade de cada aluno, elas nos falam da roda de conversa, da importância de conhecer os alunos e das mediações, elas nos falam que por meio do diálogo criam vínculo com o aluno.

“O principal é a gente conhecer os alunos, eu sempre acho que o ensino fundamental e o infantil favorecem esse vínculo com as crianças. A partir do momento que tenho vínculo, eu vou colocando atividades para conhecê-los melhor em termos de cultura, da onde eles vieram, qual é a classe social, na rede pública nós já temos a tendência de ter uma classe social mais simples, mas aí eu tenho interferências sociais muitas vezes e risco social que elas correm, por isso o cuidado, mesmo assim, quando eu vou oferecer algumas coisas ou vou ensinar, eu procuro sondar, por exemplo: Temos o exemplo da festa junina, com cada criança, a família... procuro sondar para colocar a festividade de uma maneira interessante. As datas comemorativas trazem essa oportunidade.” (Professora A)

“Respeitando a cada um e também ensinando que eles devem fazer o mesmo, tratando os outros com respeito, independente do gênero, classe social...” (Professora B)

“Através do diálogo, roda de conversa, ouvindo o ponto de vista de cada criança em várias situações e o professor vai fazendo a mediação, mediação cultural, orientamos que as crianças respeitem a opinião dos outros, a maneira de ser, de pensar, de agir, e a cultura familiar de cada criança, o que é ensinado para uma criança dentro da família dela, às vezes a outra criança tem educação diferente, então a gente faz contraponto com as crianças.” (Professora C)

“Faço rodas de conversas, procuro ouvir e cuidar e pela idade deles entre 7/8 anos percebo que eles têm mais facilidade de entender e aceitar as diferenças. Nessa semana mesmo trabalhamos 13 de maio com as crianças, falamos sobre a abolição da escravidão, teve um aluno que tinha um problema com o preconceito racial, nós já conversamos bastante sobre.

Naquele momento trabalhei sobre o assunto, fiz roda de conversa e esse aluno que disse ser racista, estava muito pensativo, no cantinho, quietinho. Espontaneamente na roda ele levanta a mão e fala, professora, então eu sou racista porque eu não gosto de ficar junto com fulano (um colega de classe negro). Como estávamos conversando sobre a escravidão... então eu falei que todos nós viemos dos índios, dos negros, somos todos irmãos, temos que nos tratar como irmãos, tentei resgatar esse lado da cultura e falei sobre o respeito que temos que ter para com o outro.” (Professora D)



A noção de diversidade pode se contrapor à realidade das hegemonias produzidas por assimetrias, mas gostaria de frisar a vocês que não podemos descartar a validade do que chamamos de humano, mesmo que isso esteja infinitamente em aberto, esvaziado do velho conteúdo civilizador. Que a humanidade signifique entre nós esse desejo de completar-se no outro, seja no vizinho, ou no desconhecido. Que possamos nos completar uns aos outros para além da tolerância e para além do multiculturalismo (Gilberto Gil, 2007).

Perguntamos para as entrevistadas se lembravam de algum conhecimento de mundo ou de cultura que em algum momento influenciou sua prática, elas trazem nas respostas o quão importante é respeitar todas as culturas, que o “ser humano é completar-se no outro”, seja ele branco ou negro, urbano ou rural, velho ou novo, desconhecido ou conhecido e que a sua experiência pessoal/cultural pode muito contribuir para que isso aconteça em sala de aula.

“Como eu vim de uma família da zona rural, tenho uma preocupação quando vou colocar algo rural, aproximando as crianças ao homem do campo, ao respeito ao agricultor, então a minha leitura de mundo nesse ponto me influencia assim.” (Professora A)

“Um único momento não, mas nós sabemos que influencia pois não dá para separar pessoal/profissional.” (Professora B)

“Sim...” (Professora C)

“Como falei anteriormente, nós carregamos conosco marcas culturais, somos um povo miscigenado, somos de diversas culturas, assim aquele aluno foi percebendo que nossa cultura brasileira, não tem como não aceitar o outro por ser diferente, teve um outro aluno na roda de conversa que nos contou que o tataravô dele era escravo. Conteí aos alunos que o meu avô nasceu na Lei do Ventre Livre e eles ficaram todos entusiasmados com a aula, tento sempre trazer minhas vivências quando isso me ajuda a ensinar.” (Professora D)

A formação do profissional da educação está diretamente relacionada com o enfoque, a perspectiva, a concepção mesma que se tem da sua formação e de suas funções atuais. Para nós, a formação continuada do professor deve ser concebida como reflexão, pesquisa, ação, descoberta, organização, fundamentação, revisão e construção teórica e não como mera aprendizagem de novas técnicas, atualização em novas receitas pedagógicas ou aprendizagem das últimas inovações tecnológicas (GADOTTI, 2003 p. 30).

Perguntamos sobre a formação continuada, se a instituição que ela trabalha incentiva ou direciona para essa formação e as respostas foram:



“Como somos de rede pública, a gente tem sim, até como política pública a formação. Nos últimos anos não tem havido muito investimento, mas a gente tem duas ações importantes, uma que muitas vezes é a formação continuada, quando o professor da rede pública é convocado para uma formação, mas também o papel do orientador pedagógico, que dentro da nossa escola tem o papel de formador.” (Professora A)

“No momento não foi oferecido. Mas, no Estado oferecem cursos na USP, UNESP com frequência.” (Professora B)

“Formação em serviço faz tempo que a gente não tem na rede Municipal, formação em serviço voltado para o professor dentro da área que ele atua. O que anda acontecendo é que a prefeitura anda fornecendo algumas palestras, sabe coisas assim mais rápidas, que ao meu entender não seria uma formação continuada, porque formação continuada depende de uma continuidade decente, de assunto que você está estudando, então é um conteúdo mais longo, depende de vários dias, tem que ter uma devolutiva, o fato de você ir assistir uma palestra contribui para um conhecimento? Até contribui ao meu entender, não entra como uma formação continuada e não é em horário de serviço é no contra turno, então o que acaba acontecendo muitas vezes tem professor que dobra e não consegue participar destas palavras né, então o professor que tem alguma outra atividade fora do seu ambiente de trabalho não consegue participar, então não atinge o público alvo total.” (Professora C)

“Sou nova aqui, então não posso falar com propriedade, mas o pouco que eu conheço a rede, sim eles proporcionam a formação.” (Professor D)

Perguntamos para as professoras como a formação pessoal pode influenciar em suas atitudes com seus alunos e pedimos para elas contarem um pouco sobre isso, abaixo os relatos de cada uma:

“O não institucional acaba sendo aquilo que acontece ou informalmente ou aquilo que eu procuro também me formar. Aquilo que vai gerar conhecimento para que eu traga para sala de aula. Muitas vezes eu sei que eu não recebi uma formação não institucional sobre algumas coisas, mas eu tenho a obrigação de me informar. O currículo é uma delas, há uma mudança curricular acontecendo ou eu preciso estar atenta para que eu possa fazer isso para os alunos, por que senão eu posso ficar à mercê. Por exemplo, a questão do bullying, preciso me informar para desenvolver melhor o assunto.” (Professora A)

“Com essa formação continuada consigo observar com outros olhos uma criança com dificuldades de aprendizagem e isso facilita o ensino no dia a dia.” (Professora B)

“Sim, este conhecimento a gente procura outras fontes né, porque a gente recebe informações, então eu procuro assistir palestra pelo Youtube de reunião de especialista falando, né de alguma dificuldade de aprendizagem e até filme mesmo. A última reunião de avaliação de ensino a aprendizagem que nós tivemos na escola a gente queria discutir a questão do autismo, por conta de algumas crianças que nós temos na escola, e aí combinamos com a orientadora pedagógica e assistimos um vídeo falando sobre o desenvolvimento do autista no documentário, um filme mesmo que contava a história de



uma mãe que tinha dois filhos autistas gêmeos, e aí a gente viu dentro do filme todo o desenvolvimento, assim claro que era uma coisa mais imediata, mas como todas as dificuldades que esta mãe enfrentou até para poder colocar essas crianças na escola? Como ela enfrentou isso. É porque muitas vezes você pensa que a criança por ter uma determinada deficiência ou dificuldade que ela não vai ter um futuro, que ela não vai ter um progresso né, e aí no filme mostrava bem a questão dos progressos que estas crianças tiveram, o quanto a mãe ganhou em insistir e não desistir dos filhos, e quanto estas crianças progrediram? Descobrimos no filme até mesmo o grau de inteligência de cada criança né, então eram dois irmãos, um tinha inteligência mais voltada para o esporte, para a prática do esporte, e o outro mais para o raciocínio lógico, então ele participava de um campeonato de xadrez na escola, ele vencida, ele participou de aula de música, aí chegou um momento do filme que o professor dele chamou a mãe e falou:

- Matricule seu filho numa aula de música porque ele tem um dom nato.

Então o quanto isso faz a gente refletir na nossa prática e acaba sendo um fator motivacional para nós, que às vezes você está imerso naquele problema na sala de aula, muitas vezes você tenta e não consegue, às vezes vai desmotivando o professor na capacidade e daí a gente acaba assistindo filmes, procurando coisas diversas, assim a gente acaba se motivando.” (Professora C)

“Vejo algumas crianças com autoestima baixa, então procuro trabalhar isso com elas, me preocupo com o ser de cada um, tento resgatar a autoestima delas por meio das vivências que eu já tive.” (Professora D)

Para fecharmos a entrevista perguntamos a elas o porquê decidiram ou escolheram ser professora e elas bem entusiasmadas e com os olhos brilhando nos contaram:

“Essa pergunta é bonita... vou chorar... eu acabei fazendo o Magistério já a bastante tempo, fiz porque era a única opção da minha cidade profissionalizante, porque meu pai não deixava eu sair... a princípio foi isso, mas logo no primeiro ano de Magistério eu me apaixonei, e no meu estágio eu vi a riqueza de trabalhar com crianças e pode ser um profissional que ajudaria na infância, eu me especializei na educação especial, e hoje 30 anos depois eu tenho muito orgulho de estar atuando, estando com as crianças e ainda estar formando professores e quando falamos em trabalhar com crianças é uma responsabilidade muito grande e quando vocês perguntam como eu cuido disso de uma maneira não institucional é porque muitas vezes como professor acaba caindo no nosso colo situações inesperadas que a gente vai ter que aprender a lidar pelo direito que as crianças têm de serem bem atendidas.” (Professora A)

“Tentar contribuir o máximo para que o aluno aprenda. Tentar fazer a diferença.” (Professora B)

“Eu amo a aprendizagem né, na verdade todo mundo acaba falando assim porque você quer ser professor? É porque eu amo criança, é claro que a gente gosta de criança, gosta, mas isso não é o fato principal. Gosto de ver a criança se desenvolver, aprendizagem em si, como ela acontece, essa relação né que nós enquanto professores temos que estar em contato com essa criança, o que a gente pode oportunizar, o que ela te dá em troca né, então assim quando a criança apresenta alguma dificuldade, você se sente desestabilizada, e você quer entender porque aquela criança não está aprendendo



né, qual o caminho que se pode fazer alternativo para você chegar e fazer com que aquela criança aprenda, então a minha paixão é a aprendizagem”. (Professora C)

“Porque primeiro, não é a resposta adequada, mas como todo mundo fala, eu gosto muito de criança, mas para mim o sentido é a importância de ensinar o outro, pois tem criança que vemos e não tem ninguém por ela. O professor não é só chegar e escrever na lousa, passar atividade e acabou, o professor é 24 horas, como muitos falam que professor não faz nada, não trabalha, na verdade é o contrário, por exemplo, se você trabalha em uma firma você cumpre seu horário de trabalho e acabou, vai para casa e o professor não. Quando a criança vai embora você vai com ela ou ela vai com você, nós professores levamos a criança junto conosco, levamos para a casa os problemas dela e a preocupação é em saber como poder ajudar aquela criança com dificuldades. Por ser professor vejo que posso mudar o mundo, talvez não ele todo, mas o mundo de pelo menos uma criança, aquela com a dificuldade para que ela se torne uma boa cidadã e possa ao menos mudar ao seu redor, ou até mais ajudá-la a conseguir ser quem ela deseja, um(a) médico(a), ator ou atriz, engenheiro(a), professor(a), ser quem quiser. Esse é o meu papel como professora, ajudar a criança a se tornar quem ela deseja no futuro”. (Professora D)

DESCRIÇÃO DA ESCOLA

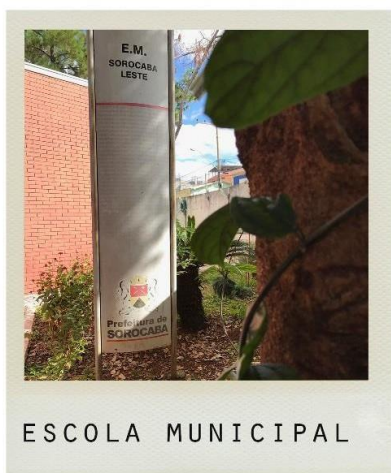
No dia 15 de maio de 2019, visitamos uma Escola Municipal na cidade de Sorocaba. A escola atende do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, em dois períodos: matutino (das 7h às 11h30, com 20 minutos de intervalo) e vespertino (das 13h às 17h30, com 20 minutos de intervalo).

Contam com 5 salas (recebendo 25 a 30 alunos cada, somando um total de aproximadamente 150 alunos em cada período), 10 professores regulares, 2 professores de Educação Física, 3 estagiárias (auxiliando até o 2º ano), 2 cuidadoras para alunos com necessidades especiais e 3 inspetores.

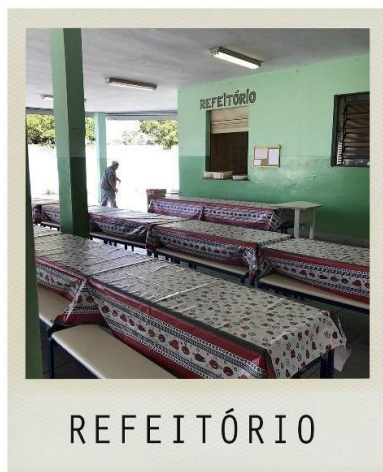
O ambiente possui 1 cozinha, sala de direção, secretaria, refeitório (com 4 mesas retangulares grandes e um espaço aberto), 1 sala para recuperação (em horário paralelo, 2 vezes por semana, 2ª e 5ª feira), leitura, almoxarifado e alguns brinquedos pedagógicos, uma prateleira com livros entre o corredor das salas e o refeitório e um diferencial: o sinal utilizado na entrada e saída dos alunos toca música infantil. O parque contém gira-gira, mesa de tênis, gangorra, tabela de basquete, e um espaço natural com árvores altas e ervas medicinais plantadas ao redor de algumas árvores. A quadra é coberta, bastante apertada (mesmo sendo aproveitado todo o perímetro do terreno), em formato de triângulo, não se tem muito espaço para realizar as atividades, como disse um inspetor: “é como tirar leite de pedra”.

As salas são convencionais, carteiras enfileiradas, há lousas de giz e lousas digitais, algumas salas contam com retroprojetores, televisão e prateleiras para

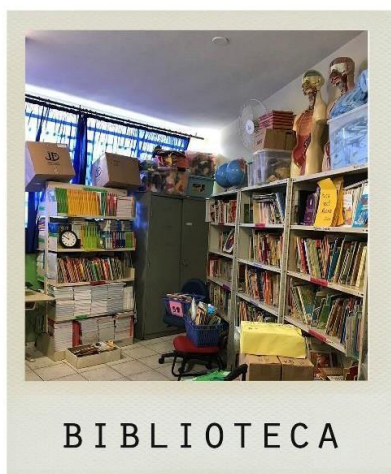
guardar material didático. Apresentam também, cartazes com combinados, desempenho dos alunos, tabelas de pontuação, escrita e cálculo.



ESCOLA MUNICIPAL



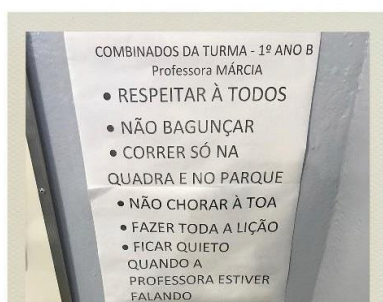
REFEITÓRIO



BIBLIOTECA



BIBLIOTECA





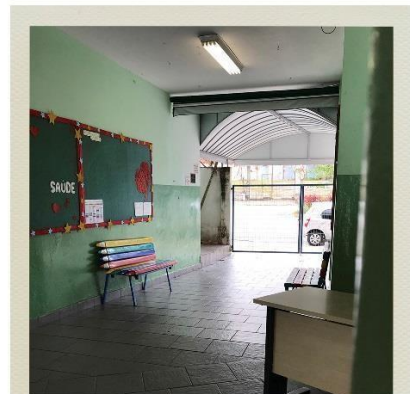
CANTINHO DA LEITURA



COZINHA



SALA DE AULA



ENTRADA DA ESCOLA



BANHEIRO



PAINEL DE DESEMPENHO



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando começamos esse projeto, logo pensamos, como vamos fazer com tão pouca referência? Esse assunto não é pesquisado tão pouco estudado? Mas depois das pesquisas vimos que vai muito além do que esperávamos ou entendemos desse assunto. Na verdade, é tudo o que vivemos em certo tempo e espaço, são as nossas vivências e experiências que determinam as diferenças dos resultados obtidos em sala de aula. Entendemos o quão importante é uma visita ao parque ou à praça da cidade, que a pesquisa em nossa formação contínua é essencial, que a elaboração de uma boa aula requer muitos conhecimentos e muito cuidado. Percebemos quão importante eram aquelas histórias contadas pelos nossos avós e que são com essas e outras lembranças que podemos mudar o percurso de outras crianças, seja ele bom ou ruim, que conhecer os diferentes povos e raças, ou até mesmo entender os seus diferentes comportamentos, o quão significativo isso será em nossa prática em sala de aula.

A formação não institucional alarga as fronteiras do pensamento. Contribui para a construção de um pensamento flexível, que concebe a arte como uma experiência de vida. Nos ajuda a conhecer a nós mesmos, pois à medida que conhecemos mais sobre o mundo, conhecemos o nosso interior. Passamos a ter clareza e consciência do que nos afeta.

Nossa busca incessante em saber o que é necessário ao bom professor, nos trouxe a conclusão de que tudo o que vivemos aprendemos, tudo o que ensinamos

resulta sobre nós de alguma outra forma, mas que no final vai ser sempre conhecimento, pois o bom professor nunca para, nunca cansa, nunca descansa sem antes buscar por aquilo que é necessário para a formação de uma sociedade mais justa, inclusiva, democrática e com cidadãos de bem.

Finalizamos esse projeto com as palavras de Moacir Gadotti em seu livro “*Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido*”, ele começa dizendo que a beleza existe em todo lugar. Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade; depende da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado. A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar.

Então sonhemos e conquistemos por meio de nosso trabalho para um mundo melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 381.
- BERGALA, Alain. *L'hypothèse cinéma: Petit traité de transmission du cinéma à l'école et ailleurs*. Paris. Disponível em:
<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/cinema-na-escola.htm>. Acesso em: 28/05/2019.
- CARVALHO, S. et al. (Orgs.). *Bem-vindo, mundo! Criança, cultura e formação de educadores*. São Paulo: Peirópolis, 2006.
- DERDYK, Edith. *O desenho da figura humana*. São Paulo: Scipione, 1990.
- ENGUITA, Mariano F. *A ambiguidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarianização*. Revista Teoria & Educação, n. 4, 1991. pp. 41-61.
- FERREIRO, Emilia. *Reflexão sobre alfabetização*. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- GIL, Gilberto e Ferreira, Juca. *Cultura pela palavra*. Coletânea de artigos, entrevistas e discursos dos ministros da Cultura. São Paulo, 2003-2010.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARCELO, C. *Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro*. Ciências da Educação, n. 8, 2009. pp.7-22.
- NÓVOA, Antônio (Coord.). *Os professores e sua formação*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação e Sociedade*. Campinas, Unicamp, v. 21, n. 73, dez. 2000.
- <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/educacao/a-importancia-formacao-continua.htm>>. Acesso em: 27 mar. 2018.
- <<http://blog.ieqp.com.br/qual-a-importancia-da-experiencia-extraescolar-no-ensino/>>. Acesso em: 6 jun. 2019.
- <<http://culturaeducacao.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2019.